

As Transformações Sociais Desencadeadas pela Internet e Redes Sociais nos Universos Analógico e Digital

Mônica Sayuri Hirayama¹

Resumo

Este artigo tem como finalidade explorar a evolução da tecnologia da internet e suas implicações dentro da sociedade, expondo as mudanças sociais causadas pela instauração da cibercultura na contemporaneidade, dando ênfase no papel das redes sociais. Com este estudo, buscamos compreender as relações de aproximação e distanciamento que se dão entre o mundo analógico e o mundo digital, a partir das transformações desencadeadas por essas tecnologias.

Palavras-chave: *Internet, Redes Sociais, Cibercultura, Analógico, Digital.*

INTRODUÇÃO

Com o progresso da tecnologia e dos novos sistemas de informação, a internet tornou-se um meio e uma ferramenta fundamentais para as ações do cotidiano dos indivíduos complexos da sociedade atual. Hoje, é impensável desempenharmos a maioria das atividades do nosso dia a dia sem a participação direta ou indireta da internet: nós a utilizamos como fonte de informação, pesquisa, trabalho e lazer.

Surgida inicialmente com objetivos militares, nos Estados Unidos na década de 50, a internet tornou-se popular somente na década de 90, quando milhares de usuários passaram a integrar essa rede de informações. Durante os primeiros engatinhares de sua popularização, a internet oferecia serviços limitados – se equiparados à variedade de funções que possui atualmente –, restringindo-se principalmente aos portais on-line, ao

¹ Graduanda em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

correio eletrônico (o e-mail), às salas de bate-papo (os conhecidos chats) e alguns poucos blogs, que timidamente surgiam na net em forma de diários virtuais dos seus usuários.

Com a expansão da internet banda larga pelos provedores de serviços de redes e comunicações, aumentou-se a acessibilidade das populações ao ambiente on-line, o qual foi rapidamente tomado por milhões e milhões de internautas do mundo inteiro. Atualmente, a internet oferece uma gama infinita de possibilidades dentro da web, como enciclopédias e jogos on-line, acervos de músicas, filmes, livros e fotos digitais para serem baixados e compartilhados, sites de compras individuais ou coletivas, blogs dos mais diversos assuntos, fóruns de discussões, feeds RSS e as famosas redes sociais, como *Facebook*, *Twitter* e *Google+*, para citar alguns exemplos.

A internet, segundo Nicholas Carr (2001), se encaixa na classificação de tecnologia intelectual. As tecnologias intelectuais são

todas as ferramentas que usamos para estender ou dar suporte aos nossos poderes mentais – encontrar e classificar informação, formular e articular ideias, partilhar know-how e experiência, fazer medidas e realizar cálculos, expandir a capacidade da nossa memória. (...) São as ferramentas mais íntimas, as que usamos para a autoexpressão, para moldar a nossa identidade pública e pessoal e para cultivar relações com os outros. (CARR, p. 70).

A internet impactou o mundo de forma tão estrondosa com a sua tecnologia digital que transgrediu o meio na qual se concretizou de fato – o computador desktop – e veio parar em celulares, tablets e televisores. Nos dias atuais, praticamente não há o lançamento de um produto digital de comunicação que não tenha, de alguma forma, ligação com a net. Se pararmos para prestar atenção a como dirigimos as ações do nosso dia a dia, podemos notar como todas elas têm profunda relação com o mundo on-line. Hoje em dia, é incomum alguém não ter um smartphone ou um notebook em mãos, os quais checam de minuto em minuto assim que recebem notificações de novos e-mails, novas postagens no *Facebook* e no *Twitter*, atualizações de fotos de amigos no *Instagram*, etc.

Carr (2011) defende a ideia de que a tecnologia da internet provoca mudanças neuroplásticas em nosso cérebro, fazendo com que nos tornemos seres mais superficiais e com menor capacidade de concentração nos nossos afazeres. E, de fato, isso acontece. Sempre que uma notificação aparece em nosso celular ou em nosso computador, paramos imediatamente aquilo que estamos fazendo e, mesmo sem perceber, damos uma olhada no que quer que tenha sido notificado. Não só somos distraídos por esses avisos, como

também ansiamos por eles. Muitas vezes, mesmo sem recebermos qualquer sinal de alerta, tiramos alguns minutos do nosso tempo apenas para checar se não há nada novo no mundo da web, dos blogs e das redes sociais. Ficamos famintos por constantes atualizações e nos decepcionamos quando não há nada mais recente para se contemplar. Queremos ser alimentados por novos conteúdos todo o tempo, numa velocidade que somente a internet conseguiu nos proporcionar.

E as redes sociais, que “funcionam com o primado fundamental da interação social, ou seja, buscando conectar pessoas e proporcionar sua comunicação” (RECUERO, 2004, p. 03), fomentam essa nossa necessidade de estarmos o tempo todo conectados. Não somente isso, mas, cada vez mais, percebemos o importante papel dessas redes nas nossas vidas e o modo como nossa relação com elas no universo on-line produz impactos no off-line. Além disso, é interessante notarmos como as redes sociais intermediam a relação entre o mundo analógico e o mundo digital – ora estreitando relações e tornando invisível qualquer linha de divisão que haja entre eles, ora evidenciando as diferenças e mostrando o abismo que separa esses dois mundos.

AS REDES SOCIAIS

As redes sociais foram aderidas pelos brasileiros com tal força e engajamento que, hoje, 98% dos internautas brasileiros² utilizam o tempo gasto navegando na web para acessar redes sociais. Além disso, somos o segundo maior país em número de usuários no *Facebook* – rede social mais usada no Brasil atualmente – e o país que apresentou o maior aumento de adesão de usuários a esta mesma rede em 2012³.

Cumprindo o seu papel fundamentado na interação social de seus usuários, as plataformas sociais permitem o intercâmbio e compartilhamento de ideias, informações, opiniões, imagens e vídeos. Essa possibilidade de propagar o conteúdo que bem entenderem e quando bem quiserem faz com que os usuários das redes sociais sintam-se empoderados – e com razão. Devido a não-limitação que as plataformas oferecem, as pessoas, de fato, detêm nas pontas de seus dedos (e bastando a duração de um clique no *mouse*) todo o poder para serem os novos disseminadores de informação.

² Dados do estudo “Hábitos e Comportamento dos Usuários de Redes Sociais no Brasil 2013”, da E.Life. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/Elife2009/pesquisa-estudo-de-comportamento-e-hbitos-de-uso-das-redes-sociais-2013>>

³ Dados do Social Bakers, plataforma que monitora o uso de redes sociais mundialmente, de janeiro de 2013.

Esse poder concedido aos usuários provoca mudanças imensas na comunicação social, como a perda do monopólio de informação pelas grandes mídias tradicionais.

O resultado na união dessas novidades é que o compartilhamento de informações nas sociedades de massa contemporâneas vem migrando do broadcasting unidirecional das empresas de comunicação ao microcasting multidirecional e dos usuários das redes, em que cada um dos participantes tem a liberdade para se conectar aos demais, ao mesmo tempo em que desaparece o conceito de centralidade: nas redes sociais, o centro está em todas as partes. (ROMANINI, 2012).

Isso quer dizer que não mais ocorre a detenção de informação e disseminação desta por apenas um meio, uma grande mídia; hoje, qualquer indivíduo é um “jornalista”, pronto para propagar conteúdo e opiniões. A curadoria do que vai ser transmitido às massas não mais é feito pela mídia tradicional, mas sim pelos próprios usuários das redes, que escolhem o que querem compartilhar e divulgar entre suas conexões de amigos.

A internet, ao contrário das mídias tradicionais, é um meio ativo. A atuação do poder – seja ele político, econômico, tecnológico, etc. – acontece com a participação da sociedade civil, que agora pode formar a opinião pública. Segundo termo cunhado pelo sociólogo Manuel Castells, essa nova forma de comunicação é denominada “autocomunicação de massas”, pois alcança um grande número de pessoas a partir das conexões que estas têm em suas redes e ainda há uma autonomia na emissão das mensagens, na seleção da recepção das mensagens e na criação de redes sociais específicas, fazendo com que a capacidade de encontrar informação seja ilimitada.

DAS REDES PARA AS RUAS

Essa mudança de panorama da comunicação social causada pelas plataformas digitais criou um novo fenômeno político-social que vem acontecendo em várias partes do mundo e o qual, recentemente, atingiu o Brasil: a migração de manifestações sociais que se iniciam nas plataformas sociais da internet para as ruas. Casos como o *Occupy Wall Street* e a *Primavera Árabe* são exemplos de manifestações populares em que as redes sociais desempenharam um grande papel e serviram para dar força aos respectivos movimentos, divulgando o que ocorria neles para todos os outros cantos do mundo com imagens e vídeos captados em celulares e postados na internet.

No Brasil, até então, as manifestações políticas que surgiam dentro da internet ali permaneciam; se restringiam a assinaturas de petições on-line, as quais transpunham as

barreiras do digital apenas quando a impressão da lista de nomes era entregue fisicamente a alguma instituição ou representante político. A participação das pessoas se fazia na forma de comentários e opiniões compartilhados sobre os assuntos em pauta dentro das redes sociais, sem sair da esfera digital.

No entanto, esse cenário mudou após a eclosão dos atos contra o aumento da passagem de ônibus na capital de São Paulo, em junho deste ano. Após o Quarto Grande Ato organizado pelo Movimento Passe Livre e a truculência com a qual a Polícia Militar lidou com os seus manifestantes, as redes sociais fervilharam com vídeos, fotos e relatos dos que estavam presentes na manifestação. Eles mostravam um outro lado da história, que vinha sendo evitado pelos veículos da grande mídia, os quais, em sua maioria, focavam a atenção aos atos de vandalismo e violência de uma minoria de participantes, tachando o movimento como violento e “baderneiro”. Conforme os materiais divulgados pelas pessoas iam sendo postados nas redes sociais, uma indignação geral foi criada nas pessoas, que se assustaram com a violência presente nos atos da instituição da PM. O quinto Grande Ato foi convocado para a semana seguinte, no dia 17 de junho, e este contou com uma massa expressiva de cidadãos que saíram do *Facebook* para ir às ruas. *Hashtags* foram criadas e compartilhadas nas redes, com dizeres que expressavam o sentimento de comoção da população com a causa e o levante popular, como *#vempruarua*, *#oGiganteacordou* e *#sp17j*.

A cada nova passeata organizada pelo grupo manifestante, novas fotos, imagens, vídeos e relatos pipocavam nas redes sociais. O próprio Movimento Passe Livre, em sua página no *Facebook*, pedia às pessoas que fossem às manifestações munidas com seus smartphones para que pudessem fazer uma cobertura alternativa dos eventos, mostrando o que realmente acontecia ali, flagrando quaisquer situações adversas que presenciassem para que depois pudessem compartilhar o conteúdo nas plataformas digitais, fosse para rechaçar grupos infiltrados que agissem de maneira contrária ao movimento ou para denunciar atos ilegais da polícia. Além disso, pediam que estabelecimentos e residências próximos aos locais onde as passeatas ocorressem liberassem o sinal *wi-fi* de internet para facilitar o acesso à rede pelos manifestantes através de seus dispositivos móveis.

Com essas ações e todo o turbilhão de informações que era jogado nas redes sociais, o movimento foi ganhando mais adeptos às suas manifestações, se alastrando para outras cidades e estados brasileiros, atingindo até mesmo pessoas menos politizadas, por vezes confusas com as reais causas do protesto. O fato é que mesmo essas pessoas foram

às ruas porque foram impelidas pelo conteúdo que viam em seus murais do *Facebook* ou em suas páginas no *Twitter*. As redes sociais, com a ajuda dos *mobile devices* com acesso à internet, desempenharam um importantíssimo papel nessas manifestações, mostrando uma cara nova de revoltas populares no Brasil, dentro do contexto da Nova Era digital. A capacidade de autocomunicação de massas fez com que o ciberativismo saísse do âmbito de petições on-line e alcançasse novos níveis de engajamento social.

Se antes os meios tinham que se adaptar ao modo de vida das pessoas, hoje são elas que se adaptam às mudanças desencadeadas pelos novos meios. E é preciso adaptar-se a essas transformações tecnológicas, porque são elas as responsáveis por promover essas mudanças sociais que configuram uma nova forma de agir e pensar dos indivíduos complexos contemporâneos.

IDENTIDADES VIRTUAIS

O uso indiscriminado das redes sociais, principalmente por aqueles pertencentes à Geração Y (ou dita *Millennial*, dos nascidos a partir de meados da década de 80), fez com que as pessoas crescessem e vivessem mergulhadas nesse universo virtual das plataformas sociais, moldando suas próprias personalidades de acordo com o meio digital utilizado. A consequência disso foi o surgimento das chamadas *identidades digitais*. Ao contrário do que ocorre com as manifestações populares que saem da internet e chegam às ruas – fazendo surgir uma interdependência e um diálogo entre o mundo analógico e o digital – no caso das identidades digitais notamos um crescente e paradoxal abismo entre esses dois mundos, uma vez que a incongruência entre as identidades puras reais dos indivíduos e suas identidades digitais é muito grande. O uso da tecnologia torna-se um vício, “cuja presença os nela viciados desejam justificar com argumentos racionais fundados na realidade histórica de sua imensa expansão nos tempos modernos.” (Maturana, 2006, p. 188).

Apesar de, na internet, as pessoas estarem em uma hierarquia social plana e horizontal, elas querem mostrar que se situam acima das outras numa pirâmide de status imaginária, criando uma competição na qual a vencedora é aquela com mais amigos, mais experiências de vida para mostrar, mais consumo, mais felicidade, enfim, mais exposição. Os perfis em redes sociais viraram uma espécie de “vitrine”, uma exposição pública do que aquela pessoa afirma ser em relatos diários do que se passa em sua vida. Tal exposição é explicada por Bauman (2008) como sendo uma forma de vender sua imagem para o

mundo, ação característica de um indivíduo líquido-moderno que procura sempre autodefinir-se.

Ainda que o eu que a pessoa está lutando para exibir e tornar reconhecido esteja destinado pelo ator a preceder, antecipar e predeterminar a escolha da identidade (...), é o impulso de seleção e o esforço de tornar a escolha publicamente reconhecível que constituem a autodefinição do indivíduo líquido-moderno. Esse esforço dificilmente seria realizado se a identidade em questão fosse de fato dotada de poder determinante que ela afirma possuir e/ou se acredita que possua. (BAUMAN, 2008).

Esse modo de agir provém de uma esfera emocional e não racional do indivíduo, uma vez que

(...) são nossas emoções que determinam o domínio racional em que operamos como seres racionais a cada instante. Da mesma maneira, usamos diferentes tecnologias como diferentes domínios de coerências operacionais conforme o que queremos obter com nosso agir, isto é, usamos diferentes tecnologias de acordo com nossas preferências ou desejos. (MATURANA, 2006, p. 182).

É interessante ressaltar como a relação das pessoas com a tecnologia nesse aspecto mudou. Antes, a internet funcionava como uma forma de as pessoas poderem interagir entre si sem terem que expor sua identidade, podendo permanecer no anonimato de modo que não seria necessário, em nenhum momento, revelar informações pessoais e privadas. No entanto, o que hoje notamos é que a privacidade tornou-se um conceito deturpado dentro do universo on-line das redes sociais. Não mais os indivíduos querem proteger sua identidade, mas, ao contrário, sentem a necessidade de se exporem cada vez mais.

Essa necessidade de exposição afeta o modo como as pessoas se comunicam com o seu próprio meio, a forma como vivenciam as atividades e experiências de suas vidas, dando a elas um caráter efêmero e até mesmo superficial. Isto porque, na ânsia de exibirem suas vidas para os outros, transformam, por exemplo, momentos vivenciados em fotos clicadas apenas para falarem que estiveram ali, sem de fato viverem aquilo. Da mesma maneira, lugares visitados tornam-se somente um “*check*” a mais na lista do *Foursquare* (aplicativo que registra os locais visitados pelo usuário) e opiniões viram frases montadas que possam obter o maior número possível de “*curtir*” no *Facebook*.

Ao mesmo tempo em que essas informações têm caráter efêmero considerando-se o peso real que teve na vida do indivíduo, elas se eternizam dentro do sistema binário dos

computadores, perdurando no sistema eternamente, uma vez que, a partir do momento em que são publicadas na internet, o autor não tem mais o controle total sobre seu destino.

A ALMA DIGITAL E SUA ETERNIZAÇÃO

Todos os dados disponíveis on-line por alguém constituem sua *alma digital*, conceito usado por Hans-Peter Brondmo, chefe de *software* social e serviços da marca de celulares *Nokia*. A alma digital congrega tudo aquilo que a pessoa é ou diz ser dentro do mundo on-line: seus interesses, suas crenças, suas opiniões, suas fotos, enfim, toda a sua identidade.

McLuhan (2005) já bem dizia que as tecnologias são “como extensão de nosso próprio corpo, de nossas próprias faculdades” (p. 90). Segundo ele, estamos transferindo nossa consciência para o mundo digital, de forma que hoje percebemos o mundo através das tecnologias de comunicação, sendo essas tecnologias parte de nossa própria consciência. Baudrillard também trata dessa questão:

Hoje não pensamos o virtual, é o virtual que nos pensa. E essa transparência imperceptível que nos separa definitivamente do real é tão incompreensível para nós quanto pode sê-lo para a mosca o vidro contra o qual ela se choca sem compreender o que a separa do mundo exterior. A mosca nem sequer imagina o que põe fim a seu espaço. Do mesmo modo, nem sequer imaginamos o quanto o virtual já transformou, como por antecipação, todas as representações que temos do mundo. (BAUDRILLARD, 1997, p. 71 apud STANGL, 2010, p. 323).

A partir do momento em que a internet passou a ser usada, a sociedade constituiu um *legado digital*, ou seja, as realizações dos homens contemporâneos, suas publicações e opiniões estão guardadas dentro da rede digital, e não mais em impressões dentro de livros ou diários. Uma questão que raramente é questionada pelas pessoas é: o que acontece com nossa alma digital, a partir do momento em que morremos? Afinal, ficaria ela viva e eternizada na web?

No universo das enciclopédias digitais, existem dois grupos antagônicos: o deletionista e o preservacionista (ou inclusionista). Os deletionistas defendem que é necessário eliminar da web documentos que não sejam de grande utilidade, que tenham conteúdo pobre ou que não apresentem referências literárias, não havendo necessidade em guardar tais arquivos para a posteridade, tendo eles o direito de serem esquecidos.

Enquanto isso, o grupo dos preservacionistas argumenta que é de suma importância manter o legado digital intocado e vivo para sempre, para que este possa servir de objeto de estudo de sociólogos, antropólogos e arqueólogos num futuro distante, por conterem informações do momento da história atual, sendo um retrato do nosso tempo, da nossa sociedade.

Umberto Eco (2009) defende que o armazenamento de informações nos dispositivos eletrônicos digitais não garante a segurança e a proteção destas, uma vez que

sabemos que todos os suportes mecânicos, elétricos e eletrônicos são rapidamente perecíveis, ou não sabemos quanto duram e provavelmente nunca chegaremos a saber. Enfim, basta um pico de tensão, um raio no jardim ou qualquer outro acontecimento muito mais banal para desmagnetizar uma memória. Se houvesse um apagão bastante longo não poderíamos usar nenhuma memória eletrônica. (ECO, 2009).

Seguindo essa linha de pensamento, os livros, os quais por vezes são tidos como obsoletos pela sociedade pós-moderna, seriam os meios mais adequados para o suporte de informações. Entretanto, não podemos esquecer que eles, em contrapartida, sofrem entropia pelo processo de envelhecimento de suas páginas e do material que os compõem, sendo desintegrados com o passar do tempo.

O que o mundo de hoje nos indica, no entanto, é justamente o caminho contrário: a tendência é que todos os arquivos impressos que ainda temos nos dias atuais se transformem em documentos que sigam a linguagem binária dos computadores. Invenção de uma das maiores empresas de tecnologia do mundo – a Google –, o Google Book Search é uma ferramenta que tem como objetivo digitalizar todo o acervo de livros impressos do mundo – projeto de caráter megalomaniaco, mas muito possível de ser realizado. Apesar de os livros impressos não estarem em ameaça de se extinguirem, ainda, tecnologias como o Kindle, o iPad e os e-books já demonstram um caminho rumo a um mundo ainda mais digital, em que até mesmo os livros feitos de capa dura e folhas são desvalorizados. Afinal, nesse mundo, basta o acesso à internet para se ter acesso a publicações completas, bastando apenas baixá-las.

A VIDA APÓS A MORTE NO MEIO DIGITAL

Uma vez que as pessoas vivem cada vez mais à mercê de suas almas digitais, a sociedade vem pensando em novas maneiras de como se adaptar a essa nova realidade, na

qual os indivíduos possuem uma vida virtual independente de suas identidades reais orgânicas. Como hoje em dia praticamente todo mundo possui uma conta em alguma rede social, é muito comum ocorrer a morte de alguém e, no entanto, seu perfil digital continuar ali, intacto.

Um caso recente que foi comentado e criticado por muitos foi aquele relativo ao desastre do incêndio da boate *Kiss*, em Santa Maria, RS, no início do ano. O acidente, que resultou na morte de mais de 240 pessoas, foi notícia principal no Brasil todo por vários dias, com repercussões internacionais. Um portal de notícias de grande acesso publicou uma análise do perfil do *Facebook* de quase todas essas pessoas, na qual informava o nome completo delas, suas idades, o que faziam e do que gostavam. Muitos se indignaram com o feito, taxando-o como invasivo e fruto de uma imprensa jornalística desrespeitosa e inconveniente. O fato a ser observado, no entanto, é como as almas digitais e seus legados servem de recurso investigativo jornalístico, mesmo que num curto período de tempo desde a morte das pessoas que criaram essas almas e legados – reafirmando de certo modo a afirmação dos preservacionistas de que o legado digital serve como objeto de estudo da história da humanidade em momentos posteriores.

As identidades criadas dentro do mundo digital são de tal relevância hoje em dia que existe a preocupação de o que fazer com elas após a morte. Algo muito comum de se acontecer é um perfil digital de alguém que faleceu receber inúmeras mensagens e homenagens de pessoas que lamentam sua morte, na crença de que aquela comunicação realmente se efetivará. Atualmente, já existem sites que oferecem serviços de testamento on-line, nos quais os indivíduos podem deixar textos, mensagens de áudio e vídeos para serem entregues a familiares e pessoas escolhidas pelos usuários após a sua morte. As senhas de acesso às redes sociais das quais os usuários fazem parte são deixados para que esses entes escolhidos possam encerrar sua vida on-line, para que não fiquem eternizados dentro do mundo digital.

A *Google* recentemente divulgou sua mais nova ferramenta, a chamada *Inactive Account Manager*. Nela, o usuário pode informar o que deseja que aconteça à sua conta depois que ele morrer (ou ficar inativo); há a opção de escolher deletar a conta depois de três, seis, nove ou doze meses de inatividade e, assim como no serviço do testamento online, ele pode escolher pessoas de confiança que receberão permissão para acessarem sua conta, as quais poderão fazer o *download* de toda e qualquer informação necessária antes que a *Google* desabilite a conta permanentemente. Com ferramentas como essas, é

possível que as almas digitais das pessoas que já se foram sejam extintas, eliminando a possibilidade de suas contas e perfis virarem espécimes de lápides ou locais de lamentações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações humanas mudaram drasticamente com o desenvolvimento da tecnologia e o passar do tempo. Primeiro, a invenção da internet trouxe novas ferramentas e possibilidades de comunicação, que se popularizaram na década de 90 e causaram uma maior separação entre o mundo analógico e o mundo digital. Mais tarde, com o surgimento das redes sociais, essa separação se acentuou ainda mais; as pessoas passaram a ter identidades e almas digitais, além de constituírem um legado diferente daquele antes constituído pelas gerações anteriores. Agora, tudo é digital.

Por meio de ações determinadas por uma esfera emocional que os levaram a constituírem identidades virtuais de autoafirmação e autopromoção, os indivíduos líquido-modernos da Geração Y, principalmente, mergulharam no universo das redes sociais. Lá, uma grande quantidade de informações pessoais é deixada por eles. E enquanto essas informações ali estiverem, podem ser acessadas e vistas por qualquer outra pessoa – mesmo que num período após a morte do usuário autor.

As memórias que deixamos no mundo digital não serão simplesmente apagadas; por mais que não estejam visíveis aos olhos dos internautas, tais informações ficam armazenadas em sistemas que fogem do nosso controle. Talvez não consigamos imaginar a dimensão do que atualmente estamos construindo, o legado de nossa geração. Porém, a probabilidade de que nossas palavras dentro do universo digital sejam, futuramente, estudadas como fontes de um período da história da humanidade não pode ser descartada, afinal, segundo a tese seguida pela Escola de Chicago, “a sociedade é produto da comunicação” e, portanto, estudar a comunicação é obter indícios dessa sociedade, e estudar o comportamento desta dentro das redes sociais é obter um retrato da raça humana da sociedade complexa digital.

Tais ideias nos fazem questionar onde se encontra a tênue linha que separa a vida real da vida virtual, e se ela, de fato, existe. Se por um lado as relações entre o universo digital e o analógico são distanciadas pelas incongruências de identidades digitais e reais que são criadas, por outro, há situações em que esses dois universos se mesclam e se

tornam interdependentes, como no caso das manifestações populares que começaram dentro das redes sociais e acabaram atingindo às ruas.

O que podemos perceber é que, devido à evolução da cultura digital e das novas tecnologias, a relação entre esses dois mundos é cada vez mais complexa e merece mais estudo de ordens sociais e antropológicas. É impensável uma sociedade atual que não esteja conectada, que não se sinta dependente das máquinas mais modernas e das comodidades que o mundo on-line lhe fornece. A tecnologia do ciberespaço tornou-se algo inerente à raça humana e permeará sobre esta por muitas outras futuras gerações, até o momento em que a civilização descobrir outras novas tecnologias intelectuais e de comunicação que promovam outras mudanças e formas de relações sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CARR, N. *A Geração Superficial: o que a internet está fazendo com nossos cérebros*. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

ECO, Humberto. Sobre a efemeridade das mídias. *Observatório da Imprensa*, ed. 535, 28 Abr. 2009. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/sobre-a-efemeridade-das-midias>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

Estudo de comportamento e hábitos de uso das redes sociais 2013. Disponível em: <<http://www.slideshare.net/Elife2009/pesquisa-estudo-de-comportamento-e-hbitos-de-uso-das-redes-sociais-2013>>. Acesso em: 23 jun. 2013.

GOMBATA, Marcílea. *Clicar, em vez de viver, tornou-se norma*. Carta Capital, Abr. 2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/cultura/clicar-em-vez-de-viver-tornou-se-norma/>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

HELMICK, Beavin, JACKSON, Don D. e WATZLAWICK, Paul. Alguns axiomas conjecturais de comunicação. In: *Pragmática da comunicação humana: Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Cultrix, 1967. P. 44-65.

MATIAS, Alexandre. O ponto comum entre a praça Taksim e a Avenida Paulista. Galileu, jun. 2013. Disponível em: <<http://colunas.revistagalileu.globo.com/colunistas/2013/06/12/o-ponto-em-comum-entre-a-praca-taksim-e-avenida-paulista/>>. Acesso em 12 jun. 2013.

MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

MCLUHAN, Marshall. *McLuhan por McLuhan: Conferências e entrevistas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

PAUL-CHOUDHURY, Sumit. Qual será o destino da sua alma digital? *Info Exame*, São Paulo, 18 jul. 2011. Disponível em: <http://info.abril.com.br/noticias/internet/qual-sera-o-destino-da-sua-alma-digital-18072011-5.shl?utm_source=feedburner>. Acesso em: 20 abr. 2013.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet: considerações iniciais*. XXVII INTERCOM. Porto Alegre, 2004.

RÜDIGER, Francisco. *As teorias da comunicação*. 2ed. São Paulo: Edicon, 2003.

STANGL, Andre. Marshall McLuhan e o pós-humanismo. In: DI FELICE, M. e PIREDDU, M. (Org.). *Pós-humanismo: As relações entre humano e a técnica na época das redes*. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2010. P. 317-339.

TEIXEIRA, Fabricio. *Google cria ferramenta para você gerenciar sua conta após a morte e não queimar o seu filme*. Disponível em: <<http://www.updateordie.com/2013/04/14/google-cria-ferramenta-para-voce-gerenciar-sua-conta-apos-a-morte/>>. Acesso em: 15 abr. 2013.